

PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE NO CONTEXTO PÓS-HUMANO: REFLEXÕES A RESPEITO DOS AFETOS NA OBRA “EQUILIBRIUM”

Priscila dos Santos Afonso (PIBIC/Bolsa Fundação Araucária) Adriana Barin de Azevedo (Orientadora), e-mail: abazevedo@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

70700001 Psicologia.

70702047 Estados Subjetivos e Emoção.

Palavras-chave: Afetos. Pós-humano. Psicologia.

RESUMO

A presente pesquisa realizou um estudo bibliográfico e conceitual, que teve como objetivo relacionar a condição exposta no filme “Equilibrium” (2002) com os conceitos de (bio)medicalização e pós-humano, levando em consideração a alteração do conceito de humano, a regulação biotecnológica e psicofarmacológica, e o controle dos afetos. A pesquisa foi realizada em quatro etapas: levantamento bibliográfico sobre o pós-humanismo, análise aprofundada do filme com base no conceito de afetos na filosofia de Espinosa, discussão sobre a medicalização e, por fim, a relação dessas discussões com a Psicologia. Como resultado, foi possível constatar que a condição humana é atravessada por tecnologias que modificam os modos de vida, constituindo uma subjetividade pós-humanista. Desta maneira, cabe à Psicologia construir formas de cuidado que reconheçam a complexidade e pluralidade das experiências humanas, sem reduzir o indivíduo em favor de uma ideia de eficiência e alta performance, que ignoram sua condição afetiva.

INTRODUÇÃO

A subjetividade humana é diretamente impactada pela variedade de tecnologias presentes no modo de vida contemporâneo. Essas tecnologias possibilitam modificações corporais, físicas, genéticas, estéticas e psicológicas, desencadeando uma demanda por novas formas de existir no mundo. Como resultado, a definição de ser humano encontra-se em constante variação, havendo atualmente a emergência do que alguns autores definem como “pós-humano”. Dessa forma, a introdução contínua e progressiva de modificações corporais, estimuladas por uma ampla gama de áreas científicas, possibilita o surgimento desse novo indivíduo, que tem tanto suas condições biológicas, quanto psicológicas, alteradas.

Logo, surgem práticas na área da saúde focadas na otimização das capacidades individuais por meio das técnicas científicas. Em síntese, o corpo humano passa a ser visto como insuficiente e passível de melhorias. De acordo com Bezerra Jr. (2011), em resposta às demandas sociais, a medicina começou a ocupar-se também

com solicitações relacionadas à estética e ao aprimoramento físico, envolvendo, inclusive, aspectos subjetivos do indivíduo, como a timidez e a tristeza. A medicina, portanto, “tem se configurado como um poderoso complexo de saberes e poderes que investem os corpos e as populações” (SIBILIA, 2004, p.42), passando a atuar não apenas no campo da saúde e doença, mas a atender demandas que vão além, inscritas no campo da alta performance. Essa perspectiva busca tornar o corpo mais produtivo, ignorando as transformações afetivas da condição humana, a fim de obter soluções imediatas e “eficazes” para os problemas.

Com o propósito de pensar esse cenário, buscou-se investigar a obra *Equilibrium* (2002), que exhibe um contexto de erradicação da capacidade afetiva humana, com objetivo de impedir novos conflitos entre os homens. De acordo com a lei, todos os cidadãos deveriam injetar diariamente uma droga denominada Proziom, fazendo com que a capacidade de sentir fosse suspensa e, por consequência, causando uma modificação na subjetividade humana, indo de encontro com a discussão a respeito do pós-humano. Para acompanhar a análise da obra, adotamos o conceito de afetos em Espinosa (2009), apresentado na terceira parte de sua obra intitulada *Ética*, caracterizados como “afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída” (p. 95). O autor propõe a ideia de que não há separação entre mente e corpo, portanto, o conhecimento racional envolve o aprendizado dos afetos vividos no corpo, fazendo-se necessários para a constituição do sujeito.

Através do filme, apresentamos a discussão sobre o alto desempenho pelo retrato de uma sociedade que abre mão da condição afetiva para instaurar um regime técnico e racional. Em conjunto a isso, o conceito de medicalização foi inserido a fim de investigar a relação do pós-humano com os atravessamentos que interdita o sentir, bem como quais as repercussões dessa conjuntura para a Psicologia atualmente.

MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa realizou um estudo bibliográfico e conceitual que procurou investigar o conceito de pós-humano, bem como analisou como se dá a medicalização nesse novo tipo de subjetividade emergente. Para tanto, foi realizada uma análise a partir do filme *Equilibrium*, utilizando como base as teorias de Espinosa e Deleuze, que dizem respeito aos afetos. O levantamento de dados foi realizado por meio da busca de artigos e teses nos seguintes bancos de dados acadêmicos: Scielo, Pepsic, Google Acadêmico e Banco de Teses. Foram utilizados os seguintes descritores: pós-humano ou pós-humanismo; psicologia; medicalização; ciborgue; *Equilibrium*; afetos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos aspectos mais significativos e transformadores que contempla a contemporaneidade é, sem dúvida, o advento da tecnologia, e com ela suas inúmeras possibilidades e desdobramentos. As biotecnologias, nesse sentido, ultrapassam a ideia de um ser humano fixo e imutável, pois agora tanto a natureza

quanto a vida humana são passíveis de intervenção e melhoramento. Expectativa de vida aumentada, até mesmo ilimitada, e engenharia genética são exemplos dessas tecnologias as quais transportam dos filmes de ficção científica para a vida real situações que até então nunca pensaríamos ser possíveis, mas que fomentam esforços diários por parte de uma gama de especialistas na sociedade atual.

A partir disso, um panorama que questiona a autenticidade do estatuto de humano diante da máquina pode ser traçado, considerando que atualmente um não existe sem o outro. As possibilidades que decorrem dessa interação demarcam o que pode ser chamado de pós-humano, um homem que não é nem inteiramente humano, nem máquina, ou então, pode-se dizer, é uma composição híbrida do antigo humano com o que chama-se de máquina atualmente, em decorrência de suas acoplagens tecnológicas que perpassam sua vida e das quais não há mais perspectivas de renúncia.

Nesse contexto, Donna Haraway explora a figura do ciborgue, a qual podemos aproximar à concepção de pós-humano aqui abordada. A autora nos apresenta o ciborgue como uma espécie de fusão entre humano e máquina, que não apresentam distinção entre si, pois “o ciborgue não é algo que está num futuro distante. Nós já somos ciborgues; nós já fazemos grandes esforços para melhorar o rendimento do nosso corpo, a eficácia da nossa inteligência, para aumentarmos a concentração” (Porto, 2017, p. 50). O ciborgue representa uma ruptura radical do pensamento tradicional a respeito da separação entre corpo humano, máquina e natureza.

Observamos nesta pesquisa, portanto, como as biotecnologias exercem implicações profundas na subjetividade humana. A interseção entre as tecnologias e a subjetividade (pós)-humana levanta questões sobre a autonomia e a própria noção de humanidade, de forma que o humano se torna cada vez mais interconectado com aparatos tecnológicos e confronta-se com a possibilidade de novas formas de existência que desafiam as fronteiras entre o orgânico e o inorgânico, o natural e o artificial.

O filme *Equilibrium* possibilitou discussões acerca da subjetividade humana atravessada pela regulação dos afetos, uma das características que se faz presente no projeto de humano moderno. Na obra é exposto um sujeito monitorado e medicalizado para não sentir, em uma sociedade que enxerga os afetos como uma doença no coração do homem, os quais são responsáveis pela guerra e destruição. No entanto, como podemos pensar em um humano que não sente?

Espinosa (2009), por sua vez, aponta não ser possível a existência de um estado de “não afeto”, ou seja, não há a possibilidade de um sujeito não sentir algo, mas sim um momento onde eles estariam no mínimo da sua capacidade de sentir, no mínimo de sua potência singular, o que o filósofo caracteriza como tristeza. Portanto, considerando o cenário do filme, os indivíduos seriam capazes de sentir a própria condição de estarem medicalizados, adormecidos. Desta maneira, a tecnologia da medicação encontra-se operando para impedir os afetos, mas quando essa tecnologia sai de cena, mesmo que por um breve momento, outras se organizarão na tentativa de aumentar a potência singular. Estratégias distintas irão produzir uma nova forma de existir, dando suporte a outros tipos de relações afetivas. Isso porque, atualmente, torna-se impossível pensar em uma vivência que não seja transpassada

pela tecnologia, logo, o humano deve criar meios para que ambos coexistam, de maneira que não se perca aspectos de sua natureza intrínseca.

CONCLUSÕES

Este trabalho buscou explorar aspectos da interação complexa entre o ser humano e as tecnologias, em específico seus desdobramentos na subjetividade humana. A partir da análise do filme "Equilibrium" com base na filosofia dos afetos de Espinosa, foram expostas as implicações de um mundo cada vez mais mediado por agenciamentos tecnológicos, onde a supressão dos afetos e a otimização do corpo são idealizadas como um projeto moderno, potencialmente marginalizando e reduzindo a complexidade das experiências humanas.

Tendo em vista que os afetos são expressões da essência humana, a tentativa de suprimi-los pode resultar em um estado de passividade e servidão, que reduzem o ser humano ao mínimo de sua potência. Nesse sentido, a filosofia de Espinosa contribui para desestigmatizar os afetos e reconsiderar o papel destes como elementos constitutivos da condição humana e de seus modos de vida.

Considerando, por fim, que o sujeito se produz em conjunto às tecnologias, é importante ter ciência de que sempre haverá agenciamentos operando em sua vida e refletindo em sua potência. Se torna necessário à psicologia, portanto, compreender as redes e dispositivos que organizam os humanos de hoje e, mais do que isso, construir formas de cuidado, nutrindo um olhar para o indivíduo como um ser completo, que não está desagregado de si, de seus afetos e da sociedade em que vive.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Araucária pelo financiamento e fomento à pesquisa. À minha orientadora pelas supervisões e trocas enriquecedoras que levarei para a vida.

REFERÊNCIAS

BEZERRA JUNIOR, B. C. ; **A psiquiatria e a gestão tecnológica do bem-estar**. In: João Freire Filho. (Org.). Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade. 1aed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, v. , p. 117-134.

EQUILIBRIUM. Direção: Kurt Wimmer. Produção de Jan de Bont e Lucas Foster. EUA: Dimension Films; Blue Tulip Productions, 2002.

PORTO, Renan Nery. Ciborgues sonham com britadeiras? Um passeio pelo aceleracionismo. **Lugar comum**, v. 50, p. 50-67, 2017.

SIBILIA, Paula. Tirantias do "software humano": redefinições de saúde e doença. **Logos**, v. 11, n. 1, p. 41-60, 2004.

32º Encontro Anual de Iniciação Científica
12º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



23 e 24 de Novembro de 2023

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.